

# Pregoeiro da Justiça

Dedicado a restauração do cristianismo do Novo Testamento  
nesta geração – só pela graça, só por Cristo, só pela fé

---

Jan. - Mar. 2022

Volumen 2, Numero 1

---

**A condescendência de Deus – pág. 3**

**Está consumado! – pág. 5**

## **Cristo por nós**

**A vida de Jesus – pág. 9**

**A morte de Jesus – pág. 14**

**Entendendo a expiação – pág. 19**

**O amor e a justiça de Deus – pág. 22**

**Pregoeiro vai DIGITAL – pág. 17**

**Cristo para nós no céu – pág. 23**

**O hino de Newman – pág. 32**

**Pregoeiro da Justiça** é uma revista dedicada à restauração do Cristianismo Novo Testamento nesta geração. Está destinada especialmente a erguer a verdade da justificação pela fé que apresentou o apóstolo Paulo, e mais tarde os Reformadores, e neste tempo quando aquela verdade está sendo ameaçada do pelo humanismo, o emocionalismo, e o ecumenismo. Vendo a necessidade de uma revista não sectária, baseado no princípio de “sola scriptura” – a Bíblia e somente a Bíblia como regra de fé e prática (2 Tim. 3:15-17.). O propósito desta revista é dar a trombeta do Evangelho o sonido certo (1 Cor. 14:7-9.), para que através de palavras de fácil entendimento (Hab 2:2) sejamos todos “confirmados na verdade presente” (2 Ped. 1:12), e qual Noé, pregoeiro da justiça de Cristo (2 Ped. 2:5).

**Editor:** Ricardo Marín

**Patrocinadores:** Todos que compartilham o nosso lema. Esta revista não tem patrocínio denominacional. Ela é mantida somente por ofertas voluntárias daqueles que vêem no **Pregoeiro da Justiça** uma esperança e salvaguarda para a geração atual.

**Colaboradores:** Sendo que a verdade está acima das preferências e dos preconceitos de qualquer denominação, os editores dão boas-vindas aos escritos de quem desejar colaborar e os julgarão somente por seus méritos.

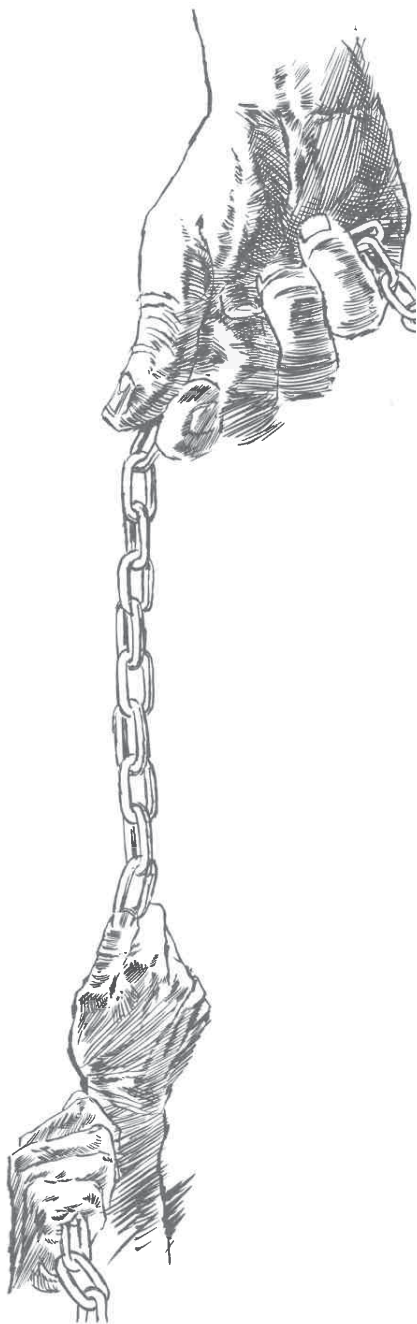
**Subscripciones** As subscrições são grátis a quem solicitar pessoalmente a: PregonerodeJusticiaLRI@gmail.com

**Pregoeiro da Justiça**

PO Box 700, Fallbrook, CA 92088

EUA Janeiro - Marzo de 2022

[www.liferesearchinternational.org](http://www.liferesearchinternational.org)



## Introdução editorial:

# A condescendência de Deus



O que é condescendência?

Jesus deixou o céu, isso é condescendência! Ele se tornou humano, e como Senhor tornou-se servo, isso é condescendência! Humilhou-se até a morte, e assim condescendeu! Sua morte na cruz é uma condescendência ainda maior. (Fil. 2:5-8).

Por que toda essa condescendência?

Por que tudo ocorreu daquele modo? Por que deixar para trás sua glória celestial?

Foi **para nós e por nós!** Sim, Cristo fez-se pecado **por nós**, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus (2 Cor. 5:21).

Sim, por nós! Mas quem somos nós? Tão baixos! Não somos criação de Deus, dotados de poder para pensar e fazer? No entanto... de raciocínio tão curto!

Bem, não é nossa deformidade física que nos coloca em um nível tão inferior. Não é nossa deficiência mental que nos leva a tal carência, nem mesmo nossa fraqueza moral é o que nos coloca tão abaixo, a ponto de exigir a morte do Filho de Deus na cruz. Toda essa fraqueza física, mental e moral é do homem após a queda, mas não isso, e sim o pecado, foi o que originou a necessidade de tal Salvador. O pecado é o que nos derrubou... a humanidade caiu com força e muito longe de Deus. A profundidade dessa queda foi causada pelo pecado.

Mas o que é o pecado? - Pecado é quebrar a santa Lei de Deus (1 João 3:4), isto é, transgredir, não observar, não obedecer. Em Adão, o primeiro representante da humanidade, todos pecamos. A humanidade perdeu-se no pecado por causa daquela transgressão o de nosso primeiro pai. Como filhos de Adão, nascemos perdidos, condenados à morte eterna pela escolha e herança que ele deixou a todos os seus filhos (Rom. 5:12-19; 6:23).

Nascendo culpados, nos extraviamos desde o ventre, acrescentando pecado a pecado (Sal. 58:3). E assim, nossa culpa torna-se pessoal.

Todavia, o que há de errado com o pecado? O pecado é ruim na proporção da santidade da Lei, que é boa. A Lei é a imagem de quem Deus é: Ele é justo, e sua justiça é descrita nos Dez Mandamentos, que são santos, justos e bons, já que refletem a natureza e o caráter de Deus. (Deut. 32:1-4; Rom. 7:12). Logo, em virtude de Deus ser tão bom é que o pecado é tão ruim!

O pecado é a dessemelhança de Deus: Deus é amor, e pecado é não ser amor; pecado é ser egoísta, enquanto Deus é altruísta. O altruísmo de Deus Pai deu seu Filho para ser o Salvador do mundo; e a abnegação de Deus Filho o fez humilhar-se até a morte na cruz. É a generosidade de Deus, o Espírito Santo, que neste planeta caído, nos convence do pecado, da justiça e do juízo (João 16:16).

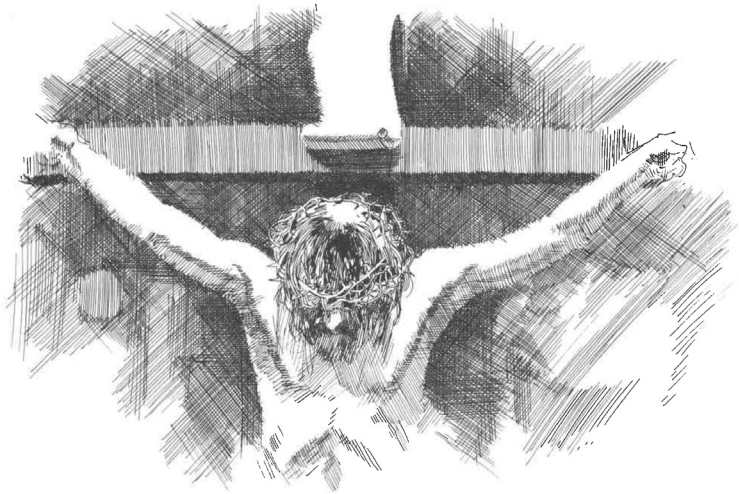
A condescendência de Deus é demonstrada no plano de salvação. Se vislumbrarmos nosso egoísmo e a bondade de Deus, exaltaremos Aquele que se humilhou, e se fez pobre por nós, sendo por fim exaltado por Deus.

Neste número de **Pregoeiro da Justiça** queremos ver Jesus como Deus *para e por nós*. Michael Marsh nos aponta para a obra consumada de Cristo a nosso favor. Philip Hughes expande os parâmetros desse trabalho dissipando alguns mitos cristãos ao longo do caminho. Este editor explora a obra que Cristo está fazendo *por nós* agora. Cada uma dessas atividades de Cristo é algo feito fora de nossa experiência, apontando para a obra de Cristo *por nós*, e não em nós. Confiar em sua obra por nós fará com que o Espírito Santo opere em nós o que é agradável aos olhos de Deus, como natural consequência de aceitarmos sua obra por nós.

Vamos estudar as escrituras juntos?

RAM





# Está consumado!

por Miguel Marsh \*

Tudo o que é necessário para obter nossa salvação foi realizado pela obra e morte do Senhor Jesus Cristo. Ele fez isso sozinho (Isa. 63:3) e a concluiu total e completamente (Heb. 1:3). Nenhum homem ou anjo pode acrescentar nada à Sua obra consumada (Ecl. 3:14; Gál. 3:15-17).

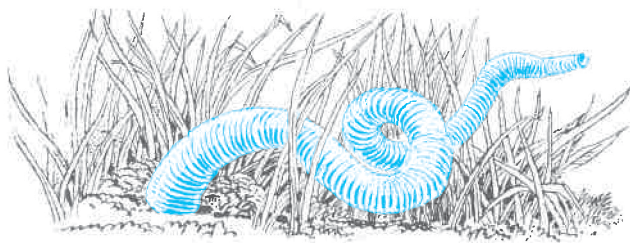
Tudo que Cristo fez, ele fez por nós. Sua encarnação foi para nós (Isa. 9:6). Ele nunca teria sido o Filho do homem, exceto para nos tornar filhos de Deus. Ele nunca teria sido feito à semelhança da carne pecaminosa, senão para nos restaurar à semelhança de Deus. Todos os seus milagres foram operados para confirmar nossa fé (João 11:42). Enquanto ele viveu aqui na terra, ele foi completamente separado para nós (João 17:19). Ele foi feito maldição por nós (Gál. 3:13) e morreu por nós (2 Cor. 5:14). Ele foi ferido e sepultado em nosso lugar (Isa. 53:5; Heb. 2:14, 15). Ele ressuscitou da sepultura e ascendeu ao céu por nós

---

\* De um marinheiro neozelandês durão e tatuado a um crente perfeccionista, Michael Marsh terminou sua vida confiando na perfeição de seu Salvador. Este artigo é uma reimpressão de Present Truth v. 1, #4.

(Rom. 4:25; João 14:2). Ele vive para nós (Heb. 7:25). E quando ele finalmente voltar, será para nós (João 14:3).

Aquele que tenta construir muito alto deve lançar um fundamento amplo e profundo. O plano de salvação está fundado na humilhação infinita do Filho de Deus. Ele era o resplendor da glória de Deus (Heb. 1:3), e ainda assim se humilhou tanto em forma humana que não se parecia consigo mesmo, nem mesmo com um homem (Sal. 22:6; Isa. 52:14; 53:3). Sua humilhação foi real e voluntária diante de Deus e do homem. Não é dito que ele foi humilhado, mas que ele “se humilhou” (Fil. 2:8). Ele veio a este mundo no corpo de nossa humilhação e foi feito “sob a lei”, mas ele era “sobre todos, Deus bendito eternamente” Rom. 9:5.



O Deus eterno nasceu no tempo. O Criador tornou-se uma criatura. Aquele que era igual ao Ancião de Dias tornou-se um bebê de dias. Que o sol caia de sua esfera e se torne um átomo errante, que um anjo seja expulso do céu para se tornar um verme, não seria uma tão grande humilhação, porque antes eram apenas criaturas e aceitariam com calma se tornarem criaturas inferiores. A distância entre as espécies superiores e inferiores de criaturas é uma distância finita. Mas que o infinito Criador de tudo venha a ser uma criatura é um mistério além de toda compreensão humana. A distância entre Deus e o mais elevado dos anjos é uma distância infinita. No entanto, Cristo se tornou um homem, não um anjo. Ele humilhou-se a si mesmo e o mundo zombou dele (Is 53:2, 3). Chamavam-lhe Belzebu, filho ilegítimo ou apenas “filho do carpinteiro”. Em seu julgamento, ele foi reconhecido como “este” (Mat. 26:61).

“Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que, pela sua pobreza, enriquecêsseis”. 2 Cor. 8:9. Ele veio a este mundo e não havia lugar para

colocar a criança. Ele andou na terra e não havia lugar para descansar a cabeça. Quando ele assumiu o nosso lugar, ele não tinha nada. Como alguém disse, “ele se humilhou e, em sua humilhação, desceu tão baixo e tão baixo que chegou a um ponto em que não podia mais descer”. Como cristãos, devemos nos humilhar, mas, por mais que possamos fazer isso, sempre haverá um lugar para nós de maior humilhação. No entanto, não foi assim com este Homem. O Deus infinito, que é toda a sabedoria, poderia dizer verdadeiramente, posso procurar no céu e na terra, mas não encontrarei nenhum lugar mais baixo para descer.

O homem ofendeu e violou a lei de Deus? Contemple como o próprio Deus se tornou homem para reparar a brecha e dar satisfação à lei pelo mal feito. A maior honra que a lei já recebeu foi ter Alguém como o Homem Cristo Jesus diante de sua medida e corrigi-la. Esta foi a maior honra e glória para a lei do que se todo o nosso sangue tivesse sido derramado como vindicação para as ruínas de toda a criação. Não é o mesmo ver as estrelas escurecerem e ver o sol eclipsado. Por maior que fosse Cristo, também era sua humilhação, e quanto mais crescia sua humilhação, mais plena e completa era sua satisfação, e quanto mais completa sua satisfação, mais perfeita e estável nossa consolação se tornava. Se ele não tivesse sido tão humilhado, nossa alegria e consolação não poderiam ter sido tão exaltadas. A profundidade do alicerce é a força da superestrutura, e vocês são o “edifício de Deus”, edificado sobre esse “fundamento” (1 Cor. 3:9-11).

À luz da cruz, o coração pode exclamar: “A condenação foi tua, para que a justificação fosse minha; a agonia foi Tua para que a vitória fosse minha; a dor foi Tua para que o alívio fosse meu; a dor era Tua para que o alívio fosse meu; as feridas foram Tuas para que o bálsamo curador que delas brota fosse meu; o vinagre e o fel foram Teus, de modo que o mel e o dulçor fossem meus; a maldição foi Tua para que a bênção fosse minha; a coroa de espinhos foi Tua para que a coroa de glória fosse minha; a morte foi Tua para que a vida comprada por ela fosse minha; Tu pagaste o preço para que eu desfrutasse de Sua herança.” E por causa disso “estais perfeitos nEle” (Col. 2:10).

Embora não possamos satisfazer plena e perfeitamente as demandas e exigências da lei, a obediência completa de Cristo é imputada a nós e nos apresenta como completos e irrepreensíveis diante de Deus. Oh, que coisa completa e perfeita é a justiça de Deus em Cristo! Permita que o olhar perscrutador de um Deus santo e zeloso a inspecione de todos os ângulos, e você não encontrará a menor mancha ou defeito nela. Permita que seja pesada e examinada em detalhes, e sempre parecerá pura e



perfeita, contendo em si tudo o que é necessário para nossa expiação. Portanto, quão agradável e aceitável a Deus deve ser aquela fé que lhe apresenta um sacrifício tão completo e excelente.

Portanto, a ação da fé em Cristo para a justiça, as abordagens da fé a Deus com tal oferta aceitável, é a obra com a qual Ele está plenamente satisfeito (João 6:23, 29). Tal ato de fé O agrada mais do que se lutássemos toda a nossa vida no trabalho de obediência tentando satisfazer plenamente todas as exigências da lei. Deus recebe mais honra e conforto quando pagamos tudo o que devemos a Ele de uma só vez, em vez de pagarmos a Ele pequenas quantias e nunca podermos dar a Ele um pagamento integral ou ver a dívida cancelada.

Porque neste mundo estamos acostumados a pagar em prestações (como quando você compra algo e paga pouco a pouco), em nossa cegueira laodiceana transferimos esse sistema para nossa vida espiritual. Achamos que mantendo parte da lei – e esta, de forma inadequada – e outros serviços e reformas, atendemos às exigências da lei. Mas tudo isso é uma abominação para Deus porque vem de um coração perverso de incredulidade, porque a dívida já foi paga e porque somos livres em Cristo. Estamos inclinados a chorar como aquele pobre homem em Mateus 18:26; “Senhor, sé generoso para comigo, e tudo te pagarei.” Mas como aquele homem, não temos uma noção justa da magnitude de nossa dívida ou de nossa miserável pobreza.

Não fomos chamados ao Monte Sinai, à aliança das obras, mas ao Monte Sião “a Jesus, o Mediador da uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel” Heb. 12:18, 22-24. Fala, não de uma dívida a pagar, mas de uma dívida já paga e de uma vida já concedida.

É aquele a quem Deus atribui justiça sem obras que é abençoado. Se examinarmos as Escrituras, veremos que Deus não justifica parceladamente ou pela metade. Deus justifica totalmente ou nada, e nós lhe pagamos tudo de uma só vez ou nada. Porque neste assunto não há graus com Deus.

As palavras de Paulo a Filemom nada mais são do que um eco das palavras de Jesus a Seu Pai a respeito de nós: “Se me tens por companheiro, recebe-o como a mim mesmo. E, se te fez algum dano ou te deve alguma coisa, põe na minha conta... eu o pagarei”. Filemom 17-19.

Ouçamos então o seu grito “Está consumado!” e venhamos a Deus por e em Cristo Jesus. Assim, não só seremos livres, mas como novos homens e mulheres nele (2 Cor. 5:17).





# Cristo por nós

por Philip Edgcumbe Hughes \*

## A Vida de Jesus

O propósito do nascimento de Cristo em Belém foi sua morte no Calvário, mas isso não significa, de forma alguma, que a vida que se estendeu entre Belém e o Calvário foi de pouca importância. Isso certamente seria um grave mal-entendido. A vida e a morte do Filho encarnado estão tão intimamente relacionadas que formam um todo coerente. Isso porque a perfeição de sua vida como nosso próximo foi essencial para a eficácia de sua morte sacrificial em nosso favor. O “tornar-se carne” do Verbo (Jo. 1:14) estava tornando-se o último Adão, ou o segundo homem (1 Cor. 15:45-47), para desfazer a maldição que caiu sobre a humanidade por causa do primeiro Adão. A chegada do segundo Adão foi para reintegrar nossa humanidade que havia sido despedaçada no primeiro. Esta verdade é expressa de forma simplificada nos versos de John Henry Newman:

Ó, amorosa sabedoria de nosso Deus!  
Quando tudo era pecado e vergonha,  
Um segundo Adão dispõe-se à luta  
E ele, o resgate nos ganha.

---

\* Philip Edgcumbe Hughes foi um clérigo anglicano e professor no Seminário Teológico de Westminster (Filadélfia). Este artigo foi extraído e traduzido de seu último livro: *The True Image - the origin and destiny of man in Christ*, © 1989, publicado pouco antes de sua morte. Incluímos aqui trechos retirados das páginas 328 a 362 (capítulos 29-32) e são reproduzidos com a permissão de Wm. B. Eerdmans Publishing Company (Grand Rapids, MI). Recomendamos este livro controverso.

Ó, sábio amor! Que a carne e o sangue  
Que em Adão fracassaram,  
Enfrentaram, novamente, o inimigo  
Porém, agora, enfrentaram e o venceram.

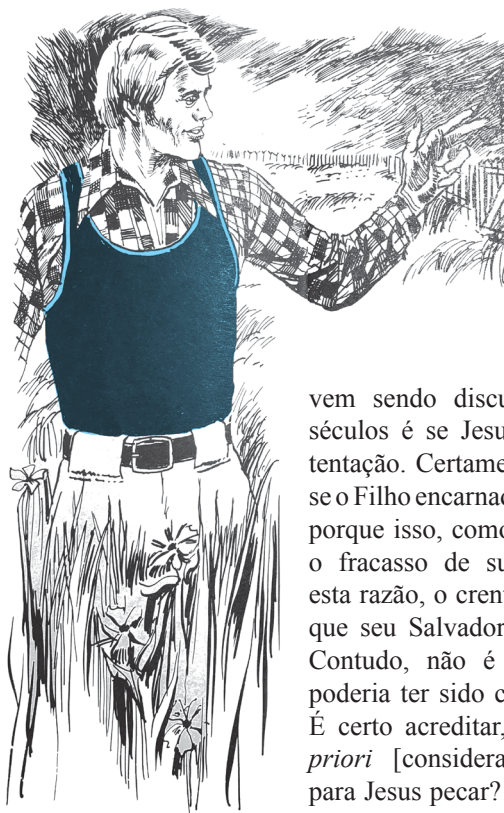
Não foi apenas na cruz, mas também em sua vida e ministério que o levaram à cruz, Cristo lutou contra o inimigo e prevaleceu! A cruz foi o clímax da vida de confronto do Filho encarnado. Nossa salvação eterna, por certo, foi conquistada na cruz, e é corretíssimo enxergar a cruz como símbolo de nossa redenção e a Cristo crucificado como o coração da mensagem do evangelho (cf. 1 Cor. 1:18, 23ss; 2:2), mas a morte do segundo Adão jamais teria valor redentor se não tivesse sido precedida e fundamentada na perfeita impecabilidade de sua vida, que o qualificou a oferecer-se a si mesmo, “o justo pelos injustos” (1 Ped. 3:18). Ao falar da vida de Jesus, portanto, não queremos que seu viver e morrer sejam considerados isolados um do outro, quando na realidade estão unidos na relação mais próxima possível. Desde seu nascimento em Belém Jesus se dirigia para a morte no Calvário. O corpo preparado para o Filho fora predestinado para ser oferecido em sacrifício expiatório por nossos pecados (Heb. 10:5-10). A morte de Cristo não foi o fim, o último evento, de uma vida, como a de um mártir, mas o cumprimento de uma vida, como a de um Salvador, que abriu a porta da vida eterna para aqueles que estão mortos em seus pecados (Efê. 2:1ss; Jo. 5:24). Sua própria ressurreição foi a prova de seu poder sobre a morte e a autenticação de sua missão, agora, concluída...

Primeiro, o homem do céu teve que estabelecer sua própria justiça no conflito mortal contra o diabo para que, vitorioso, pudesse ir ao Calvário e cancelar nossa condenação levando nossos pecados em seu próprio corpo, como o imaculado Cordeiro de Deus (Isa. 53:4-7; Jo. 1:29; 1 Ped. 1:18ss; 2:24). Os requisitos para o segundo Adão, portanto, eram que, como o primeiro Adão, ele deveria ser verdadeiramente homem, plenamente inocente, duramente testado e que, ao contrário do primeiro homem, fosse ele verdadeiramente vitorioso em sua batalha contra o poder do mal.

A justiça daquele que “sofreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos” (1 Ped. 3:18), não era algo naturalmente recebido, um estado de existência que não lhe custou nada. Tinha que ser estabelecido, conquistado pelo conflito e esforço. O pioneiro de nossa salvação teve que ser aperfeiçoado através de aflições causadas por sua resistência à tentação, durante toda a senda que o conduziu à cruz, que foi a última e



suprema prova (Heb. 2:10, 18; 4:15). A obediência do Filho encarnado não procedeu de uma disposição confortável e pouco exigente, ela foi cara, superior a qualquer preço calculável; uma obediência aprendida, de um aprendizado através do sofrimento; foi assim que ele conquistou e estabeleceu sua perfeição humana: “Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem” (Heb. 5:8ss). Aquela obediência necessariamente implicava obediência “até a morte, e morte de cruz” (Fp. 2:8). A perfeição de Jesus, então, não era apenas uma perfeição do ser, mas também uma perfeição do deveria ser: o primeiro foi mais que aperfeiçoado pelo segundo, de modo que, pouco a pouco, o que ele era progredia para o que tinha que ser. Contudo, em nenhum sentido o aperfeiçoamento de Jesus foi um progresso da imperfeição para a perfeição. Se ele tivesse sido imperfeito em qualquer momento, ou se tivesse caído em desobediência, mesmo que por um milésimo de segundo, ele teria falhado em tudo o que deveria ser e fazer, ter-se-ia tornado como o primeiro Adão; sendo assim incompetente para salvar os outros, ele mesmo necessitaria de salvação. O caminho para sua perfeição foi o caminho da luta intensa e incessante, envolvendo-se na batalha contra o diabo, enfrentou a hostilidade dos homens com amor inabalável, agonizou no Getsêmani e experimentou o abandono total na cruz. A encarnação não foi um passeio deleitoso ou um interlúdio agradável. Não consideramos suficientemente seu preço extremo em sofrimento e angústia daquele que é o eterno Filho de Deus e a própria imagem segundo a qual fomos formados; tampouco nos lembramos, como deveríamos constantemente



fazê-lo, de que a perfeição da obediência que ele estabeleceu por meio de seu sofrimento não foi para ele, mas a favor de “nós homens e para nossa salvação”.

### **Jesus foi imune à tentação?**

Uma questão que vem sendo discutida desde os primeiros séculos é se Jesus era imune ao poder da tentação. Certamente teria sido um desastre se o Filho encarnado tivesse caído em pecado, porque isso, como indicamos, teria causado o fracasso de sua missão redentora. Por esta razão, o crente cristão acha impensável que seu Salvador tenha cedido à tentação. Contudo, não é possível pensar que ele poderia ter sido conquistado pelo tentador? É certo acreditar, como alguns, que era *a priori* [considerado evidente] impossível para Jesus pecar? ...Se as tentações não têm sobre ele a força que de fato deveriam ter e nem esperança de lograrem êxito, então elas

deixam de ser reais e não poderiam ser uma ameaça que ele deveria levar a sério...

Não faz sentido argumentar que a pessoa do Filho encarnado é composta de duas naturezas, das quais a divina é incapaz de ser tentada ou de pecar, sendo assim impossível Jesus ter sido tentado ao erro, pois foi precisamente em nossa natureza humana que o Filho encarnado enfrentou e venceu a tentação, e ao fazê-lo experimentou sua sutileza ameaçadora e força máxima; caso contrário sua eficácia como segundo Adão seria nula. Era essencial que enfrentasse a tentação como o primeiro Adão enfrentou e que experimentasse toda a força de sua ameaça, assim como o primeiro Adão. Além disso, era essencial que ele fosse obediente onde o primeiro Adão foi desobediente e que obtivesse vitória onde o primeiro sucumbiu à derrota. Cristo teve que enfrentar o tentador da mesma forma

que o primeiro Adão, e com a mesma possibilidade de vitória ou derrota. Sua luta foi literalmente de vida ou morte, uma verdadeira batalha contra o inimigo para ganhar nossa salvação. Nossa redenção não seria real se dependesse de uma falsa luta contra o ar. Uma vez que a tentação, como o teste de Cristo, ocorreu não só no deserto, mas durante toda sua vida e, mais poderosamente, no Calvário, segue-se logicamente que, se devido à natureza divina ele era incapaz de ser tentado e pecar, ele era incapaz também de sofrer e morrer, porque a natureza divina é indolor e imortal; todavia, concordar com esta lógica é dar adeus ao evangelho...

Houve algo falso ou irreal na luta dilacerante no jardim contra a tentação de evitar a cruz e todo o horror que ela implicava? Que angústia poderia ser mais real do que aquela que o fez suar gotas de sangue? – angústia perante a perspectiva, não só da dor física da crucificação, por mais avassaladora que ela fosse, mas a dor de experimentar na cruz nosso inferno e o abandono de Deus como o preço incalculável de nossa redenção. “Não seria uma vergonha ultrajante”, objetou Calvino, “se o Filho de Deus se mostrasse tão fraco e se deixasse levar pelo horror da morte que todos normalmente sofrem, a ponto de tornar-se encharcado com suor de sangue, e que somente a presença de anjos poderia consolá-lo? Reflitamos bem sobre aquela oração que ele repetiu três vezes seguidas: ‘Meu Pai, se for possível, passa de mim este cálice’ (Mt. 26:39). Veremos, facilmente, que veio de uma incrível amargura de coração, que Jesus Cristo suportou um combate muito mais árduo e difícil do que o de uma morte comum” (*Instituição* II. xvi. 12). Este é o significado, também, de outra dos versos do hino de Newman:

Ó, generoso amor! Daquele que derrotou,  
No homem e para o homem, o inimigo.  
O dobro da agonia que sobre o homem repousava,  
Em prol do homem experimentou.

Essa dupla agonia foi a angústia de ambos: da crucificação e de nosso inferno.

“Homem por homem”, esta é a chave para compreender todo o sofrimento de Cristo. O fato de ter sido como homem, como Filho de Deus encarnado, que sofreu tentação e morte, não anula nem diminui a verdade de que foi Deus o Filho que assim sofreu por nós. O que ele sofreu como nosso companheiro humano foi completamente sofrido por ele que é o Verbo Eterno. Nem o fato de ele ser o Verbo Eterno fez o homem diminuir ou aliviar seu sofrimento; pelo contrário, ele a intensificou além do cálculo, porque a humilhação de si mesmo foi sua rejeição e vergonha

inimagináveis e duradouras. A vitória obtida a tal custo foi real. O propósito disso, como disse Irineu, era “que assim como nossa raça foi à morte por meio de um homem vencido, podemos ascender novamente à vida por meio de um homem vitorioso”. (*Contra as Heresias* V. xxi. 1). E sua vitória foi, do começo ao fim, a vitória do amor; foi o amor que o trouxe até nós, o amor que sustentou sua união com o Pai em vontade e propósito, amor que animou todos os seus ensinamentos e se manifestou em obras de misericórdia e compaixão a todos que vieram a ele; amor que o levou por toda tentativa até a prova final da cruz por nós. ...

### **A Morte de Jesus**

A morte é consequência do pecado. Isso porque se afastar de Deus, que é a fonte do viver, é escolher a morte em lugar da vida. A alienação de Deus é o cerne de todo pecado, e embora a morte seja corretamente entendida como um julgamento divino, é ao mesmo tempo uma condenação que o próprio pecador traz sobre si mesmo (Gên. 2:16; Rom. 5:12; 6:23). Jesus não tinha pecado e, portanto, não estava sob pena de morte (2 Cor. 5:21; Heb. 4:15; 7:26; 1 Ped. 2:22; 1 Jo. 3:5). A morte não tinha direito sobre ele, e não era inevitável para ele. Sendo ele mesmo sem pecado, sua morte não foi por seus próprios erros, mas pelas transgressões de outros. A morte que ele suportou, então, foi um ato de sua livre escolha; uma demonstração de seu poder, e não uma prova de fraqueza. Ao morrer, ao contrário das aparências, ele foi ativo, dando sua vida como oferta de si mesmo, não passivo, ao deixar que outros lhe tirassem a vida (Jo. 10:11, 15, 17ss). Paradoxalmente, a morte é a última fraqueza, a asfixia de todo poder, mas a morte de Jesus, que sem dúvida significava sua autossubmissão a essa aniquilação do poder, foi seu militante triunfo sobre a morte, através da esmagadora vitória dele contra o inimigo que detém o poder da morte (Heb. 2:14; Gên. 3:15).

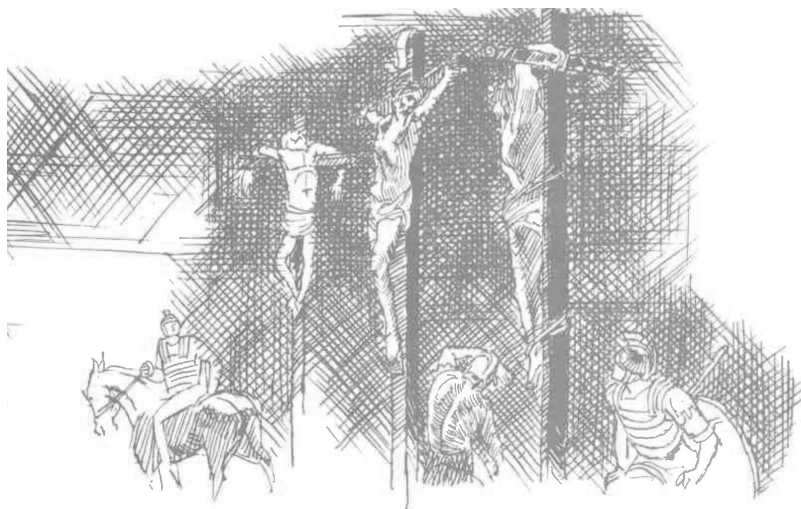
Ainda que não tenha vivido como nós, à sombra da morte e do juízo (Heb. 9:27), foi justamente para morrer que o Filho tomou sobre si nossa humanidade, na encarnação. Falou repetidamente aos seus discípulos sobre a necessidade de sofrer e morrer em Jerusalém (Mat. 16:21; 17:12, 22ss; 20:17-19). O ministério que veio cumprir incluía, como seu clímax, dar sua vida em resgate por muitos (Mar. 10:45). Era por sua crucifixão que os homens seriam atraídos a ele (Jo. 12:32ss). Após sua ressurreição, ele abriu a mente de seus apóstolos para entender que sua morte era uma necessidade preordenada que estava de acordo com o ensino das Escrituras (Luc. 24:44-46). E, mais tarde, tornou-se uma ênfase indispensável, na pregação apostólica, o fato de que Jesus havia sido traído e crucificado



“pelo determinado conselho e presciência de Deus” (Atos 2:23; 3:18; 4:27ss; 13:37). Sua morte, então, era uma necessidade, não para ele, mas para nós, um elemento inseparável do propósito de sua vinda...

Também era necessário, evidentemente, que Jesus fosse inocente e livre de todo pecado, não apenas publicamente, diante do mundo, mas em particular, dentro de si mesmo. Sua inocência foi claramente atestada por toda a perfeita consistência de sua vida de serviço amoroso e desinteressado. Contudo, havia, também, a necessidade de uma declaração judicial de sua inocência, para que ficasse indubitavelmente claro que sua crucificação foi a execução de um homem inocente. Daí a importância do processo formal de seu julgamento diante de Pôncio Pilatos, e das repetidas afirmações do governador que não encontrara nenhum mal nele (Luc. 23:4, 14, 22; cf. Mt. 27:24) – um veredito surpreendentemente confirmado pelas palavras do ladrão penitente a seu companheiro de crime, enquanto sofriam em ambos os lados de Jesus: “E nós, a verdade [fomos condenados], com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez” (Luc. 23:41).

A inocência de Jesus era, por sua vez, uma necessidade, para que sofresse e morresse como substituto dos culpados. O papel vicário da sua pessoa na cruz é essencial para uma correta compreensão do que ali se passava, porque foi ali que atingiu o objetivo da encarnação, isto é, “dar a sua vida em resgate por muitos” (Mar. 10:45; cf. 1 Tim. 2:6; Tit. 2:14). É o ensinamento de São Paulo, que escreveu, que “estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios”, e que “Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”





(Rom. 5:6, 8); e de São João, que declarou que “nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós” (1 Jo. 3:16); bem como de São Pedro, que afirmou que “Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus” (1 Ped. 3:18).

A função substitutiva da morte de Jesus foi, de fato, dramaticamente ilustrada no próprio evento, já que ele fora pregado em uma cruz que havia sido preparada para outra pessoa. Jesus, que havia sido considerado inocente, foi crucificado na cruz em que Barrabás deveria ter sido pregado, *este* um criminoso famoso que condenado à morte por sedição e homicídio. Literalmente, e à vista de todos, Cristo morreu no Calvário, o inocente pelo culpado, o santo no lugar do ímpio pecador. O castigo devido a Barrabás foi infligido a Jesus, e Barrabás foi liberto. Este é um paradigma do profundo significado espiritual da cruz de Cristo, porque a realidade redentora do que aconteceu na cruz não é local e temporária, mas cósmica e eterna em suas dimensões. O sangue sacrificial derramado naquela cruz não era o sangue de um animal bruto ou de um ser humano pecador, mas “o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado de Deus”, sangue que purifica a consciência dos pecadores culpados de obras mortas para servir ao Deus vivo (Heb. 9:14). É o sacrifício expiatório perfeito oferecido pelo sumo sacerdote perfeito, de uma vez por todas. “Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados” (Heb. 9:26; 10:14). Por meio de seu sangue na cruz ele fez a paz e assegurou a reconciliação de todas as coisas (Col. 1:20). Nele, o Senhor crucificado, temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos nossos pecados, segundo as riquezas da graça de Deus que ele fez superabundar para conosco (Efe. 1:7ss). Por causa do que foi realizado na cruz “Jesus Cristo, o justo... é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (1 Jo. 2:1ss).

Cristo efetivamente removeu a maldição que o homem pecador trouxe sobre si mesmo ao sofrer em sua pessoa na cruz a terrível força daquela maldição. As marcas da maldição foram mostradas nos espinhos com que foi coroado, no suor de sua provação, na dor e agonia de sua aflição e na última fraqueza de sua morte. De fato, a próprio modo de morrer mostrou que ele se fez maldição por nós. “Cristo nos resgatou da maldição”, diz São Paulo, “fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro” (Gál. 3:13; Dt. 21:23). O que estava acontecendo na cruz de Cristo era de enorme importância para nossa raça caída, porque ali aquele que estava acima de tudo, o Bem-aventurado, tornou-se acusado em nosso lugar.

Compreender essa verdade foi uma experiência que mudou a vida de Martinho Lutero, sua maravilha e glória nunca diminuíram para ele, e

# PREGOEIRO DA JUSTIÇA move-se exclusivamente para a internet.

*"Somos aceitos como filhos de Deus porque Jesus Cristo cumpriu todas as justas exigências de Deus para aqueles que nele crêem"*



Desde a década de 1970, a Life Research International fornece recursos impressos, mas agora todos os materiais estarão disponíveis para download gratuito em nosso site:

**LifeResearchInternational.org**



Para receber as futuras edições do **Pregoeiro da Justiça**, você deve se inscrever online em: [LifeResearchInternational.org/suscribir](http://LifeResearchInternational.org/suscribir). Você também pode solicitar nosso BLOG semanal com perguntas e respostas em espanhol sobre temas bíblicos nesse mesmo link.



era o coração do Evangelho que ele amava proclamar. Ele escreveu, por exemplo:

“Nosso Pai misericordioso, vendo-nos oprimidos e sobrecarregados pela maldição da lei, e, portanto, mantidos sob o mesmo sem nunca podermos ser libertos por nosso próprio poder, enviou seu Filho unigênito ao mundo e colocou sobre ele os pecados de todos os homens, dizendo a Jesus: ‘Sê Tu, o Pedro negador e o Paulo perseguidor, blasfemo e cruel opressor; sê daquele adúltero Davi e aquele pecador que comeu o fruto proibido no Paraíso; sê Tu o ladrão pendurado na cruz; e síntese, sê Tu como aquele que cometeu todos os pecados de todos os homens.’” (*Saint Paul’s Epistle to the Galatians*, p. 272 [em 3:13]).

João Calvino também declarou: “Vemos como Cristo assumiu o lugar de um pecador ou malfetor; e, ao mesmo tempo, reconheceremos sua inocência, já que ele sofreu a morte pelos pecados dos outros, e não por causa de seus próprios.” A conclusão inevitavelmente segue: “Vemos, então, em que se baseia nossa absolvição, a saber: Tudo o que poderia ser imputado contra nós na formação de nosso processo criminal diante de Deus foi atribuído à Jesus Cristo” – uma verdade de importância tão central que merece a exortação: “Devemos ter em mente este beneplácito sempre que na vida nos sentirmos temerosos e chateados, como se o justo julgamento de Deus, que seu Filho tomou sobre si, estivesse prestes a cair sobre nós.” (J. Calvino, *Instituição* II. xvi. 5.)

Na morte de Cristo, a substituição e a propiciação estão estreitamente relacionadas: É por meio da substituição que a propiciação ocorre. Tem havido muitos mal-entendidos sobre isso, como se o Pai arbitrariamente e para seu próprio prazer tivesse sacrificado seu Filho inocente; mas não é este o entendimento, nem é que o Filho, tendo uma boa disposição para conosco, ao se sacrificar, tenha propiciado ao Pai, que estava indisposto para conosco. Deus não pode ser dividido, e de modo algum o Filho pode ser colocado em desacordo com o Pai. Não há duas vontades e atitudes conflitantes na Divindade, pois Deus é um e a unidade divina é uma unidade não apenas de essência, mas também de mente, propósito e ação. Tampouco o amor e a justiça de Deus são mutuamente incompatíveis, como alguns tentam nos convencer. Para que Deus seja amoroso e misericordioso com os pecadores, não é necessário que Sua justiça seja deixada de lado. A coincidência da substituição e propiciação na cruz de Cristo é a garantia de que o amor e a justiça divinos se encontram ali em perfeita harmonia. A redenção do homem restaura a ordem da criação: “Deus não é Deus de confusão, senão de paz” (1

Cor. 14:33). O desígnio da cruz não era apenas salvar o pecador, mas também lidar com o pecado, e era impossível realizar um separado do outro. Um Deus que aprovasse ou ignorasse a presença contínua do mal em sua criação não seria nem totalmente santo nem totalmente amoroso. A cruz de Cristo demonstra a santa intolerância de Deus ao pecado e à desordem, bem como seu amor redentor por suas criaturas caídas. Se não é o lugar do julgamento divino, não é a fonte do amor divino. ...

...foi por puro amor por nós que [Deus] satisfez a exigência de santidade em nosso lugar. No Calvário não era o Filho propiciando ao Pai, mas era Deus propiciando a si mesmo. O autossacrifício vicário na cruz foi também a autopropiciação de Deus. A propiciação começa, continua e termina em Deus, que “estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo.” (2 Cor. 5:19)... É a santidade de Deus que dá valor divino a seu amor...

Na cruz, então, foi dada satisfação pelo pecado da humanidade, e essa satisfação foi efetuada não só para Deus, mas também por Deus, na pessoa de seu Filho encarnado. Lá, o problema básico de nossa queda e alienação foi resolvido de uma vez por todas. A corrente da vida que nos liga ao nosso Criador foi reconectada. O poder de conformar-se à imagem divina de nossa constituição foi recuperado. Nossa verdadeira humanidade foi restaurada. Tudo isso foi realizado para nós pelo Filho, que se humilhou até a profundidade do nosso abandono por Deus, para que, assumindo nosso lugar, nos livrasse dele. Não há profundidade maior do que esta. O clamor de abandono do Filho encarnado: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” é o grito mais terrível, o mais cheio de horror de toda a história. Foi o grito de seu colapso ao entrar em nosso inferno por nós. Seu abandono abriu caminho para nossa aceitação. Tal é o assombroso mistério daquela cruz com o Filho de Deus pregado em nosso lugar. E este foi o propósito da encarnação que possibilitou essa terrível autodestruição...

### **Entendendo a Expição**

Diferentes teorias sobre a maneira e o efeito da expiação têm sido amplamente classificadas como objetivas ou subjetivas: Se objetivas, a ênfase é colocada na mudança na atitude de Deus provocada pelo sacrifício de Cristo; se subjetiva, enfatiza-se a mudança de atitude do homem...

...Eram na pessoa e obra do Filho encarnado, e exclusivamente nelas, que Santo Agostinho considerava os quatro requisitos de todo

sacrifício: “A quem se vai oferecer, por quem se vai oferecer, o que irá se oferecer e a fim de que se vai oferecer.” (*Sobre a Trindade* iv. 14). Não há resumo mais conciso ou mais desejável do vínculo que une a pessoa e a obra de Cristo do que aquele que está consagrado na afirmação cristológica do Credo Niceno: “...mesma substância com o Pai, ... que por nós homens e para nossa salvação desceu do céu e se encarnou pelo poder do Espírito Santo na Virgem Maria, e se fez homem e também foi crucificado por nós sob Pôncio Pilatos...” Esta declaração de fé tem sido a recitação da igreja universal de geração em geração...

O conceito de satisfação é a chave para entender o ponto de vista objetivo de Anselmo [d. 1109] sobre a expiação. O pecador, explicou Anselmo, está diante de Deus como um devedor que está obrigado a pagar o que deve...

O valor da teoria de Anselmo está em sua insistência, que é inteiramente consistente com o ensino do Novo Testamento, de que o homem é totalmente incapaz de salvar a si mesmo e, portanto, a salvação da humanidade deve-se inteiramente à graça e misericórdia de Deus, que é seu único autor e consumidor.

...foi assim que um fiel pastor [Anselmo] questionou e deu conselhos espirituais a alguém que estava prestes a morrer:

P. Você confessa que sua vida foi tão ruim que merece o castigo eterno?

R. Confesso.

P. Você se arrepende dela?

R. Arrependo-me....

P. Você acredita que o Senhor Jesus Cristo morreu por você?

R. Creio.

P. Você é grato a ele?

R. Eu sou.

P. Você acha que não pode ser salvo a não ser pela morte dele?

R. Eu creio assim!

P. Então faça isso enquanto a alma permanece em você: deposite toda a sua confiança somente nesta morte e não confie em mais nada, comprometa-se totalmente com esta morte, cubra-se completa e somente com ela, envolva-se completamente nesta morte; e se o Senhor Deus deseja julgá-lo, diga-lhe: “Senhor, interponho a morte de nosso Senhor Jesus Cristo entre mim e o seu julgamento, de nenhuma outra forma discuto com o Senhor.” E se ele lhe disser: “É porque você é um pecador!”, diga a ele: “Senhor, oro para que a morte de nosso

Senhor Jesus Cristo seja colocada entre o Senhor e meus pecados”. Se ele lhe disser: “É porque você merece a condenação”, diga-lhe: “Senhor, coloco a morte de nosso Senhor Jesus Cristo entre o Senhor e meus deméritos, e ofereço-lhe os méritos dela em vez do mérito que lhe devo, mas não tenho.” Se ele lhe disser que está com raiva de você, diga-lhe: “Senhor, coloco a morte de nosso Senhor Jesus Cristo entre mim e sua ira...” (*Admonitio morienti* [Migne, PL, CLVIII, cols. 685-687]).

Pedro Abelardo (1079-1142), contemporâneo mais jovem de Anselmo, tinha uma compreensão muito diferente de como a reconciliação tornou-se possível por meio de Cristo. Seu pensamento foi especialmente influente sobre muitos que adotaram uma visão subjetiva da expiação, e há alguma justificativa para vê-lo como um precursor do que hoje seria chamado de teólogos liberais. Abelardo deu pouca atenção à ideia do pecado original e do estado decaído da natureza humana... Em verdade, de acordo com seu ensino, parece que Jesus distinguiu-se dos santos homens do passado apenas em grau, vindo como um exemplo inspirador de alguém em quem o verdadeiro potencial da natureza humana foi plenamente realizado, e por meio da qual a expiação é efetuada quando seu exemplo altruísta inspira, de nossa parte, uma resposta de nosso amor. “Somos justificados pelo sangue de Cristo e reconciliados com Deus”, ensinou Abelardo, “na medida em que pela graça singular, que nos é manifestada ao ele assumir nossa natureza, por seu ensino a nós através de palavra e exemplo, e ainda por sua perseverança até a morte, ele nos uniu mais intimamente consigo mesmo...” (Abelardo, *Exposição da carta de Paulo aos Romanos* [Migne, PL, CLXXIII, cols. 836, 861])... Assim no pensamento de Abelardo, a resposta de nosso amor como uma reação ao amor de Cristo por nós, chega a ser, para todos os efeitos, sinônimo de redenção e expiação... É com razão que a teoria da expiação de Abelardo tem sido geralmente descrita como a teoria da influência moral...

A exposição bíblica da importância da expiação não é monolítica. O amor misericordioso de Deus manifestado no Calvário, a satisfação de sua santa justiça em nos redimir do pecado, a luta até a morte com as forças demoníacas do mal e a comoção de nossos corações para responder à graça divina não são alternativos, nem são mutuamente excludentes. Eles vão juntos! Isolar ou excluir um do outro empobrece e distorce a verdade de nossa redenção. A morte do Filho encarnado na cruz é de fato a manifestação suprema do amor de Deus por nós (Rom. 5:8, 1 Jo. 4:10); mas o Calvário é ao mesmo tempo o lugar

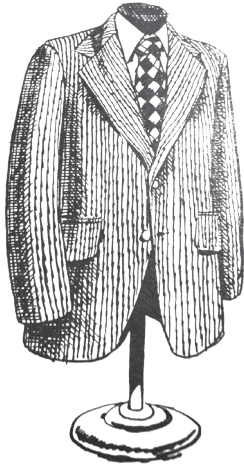
onde a justiça de Deus é satisfeita através da oferta de Jesus Cristo, o Justo como propiciação pelos nossos pecados e em nosso lugar, o Justo pelos injustos (2 Cor. 5:21; 1 Jo. 2:1ss; 1 Ped. 3:18); e foi lá que a batalha decisiva na guerra contra Satanás foi travada e vencida, e nossa libertação de sua escravidão foi efetuada (Heb. 2:14ss). O amor divino é inseparável da justiça e conquista divinas. Somente este amor incomensurável de Deus por nós tem o poder de despertar a resposta de amor em nossos corações frios, pelo qual podemos dizer: “Nós o amamos, porque ele nos amou primeiro” (1 Jo. 4:19)...

### **O Amor e a Justiça de Deus**

A Bíblia... não conhece a dicotomia entre o amor de Deus e a justiça de Deus, e não nos pede, como faz o Sociniano, para escolher o Deus que é amoroso e rejeitar o Deus que é justo. Não podemos viver nem com um Deus que é injusto ou muito menos com um que não tenha amor. Nossa justificação diante de Deus baseia-se na sólida realidade de que o cumprimento da justiça de Deus em Cristo foi ao mesmo tempo o cumprimento de seu amor por nós. Precisamente porque ele é a propiciação pelos nossos pecados, Jesus Cristo, o Justo, é a razão dele ser nosso advogado no santuário celestial (1 Jo. 2:1ss)...

O Deus amoroso que deseja reconciliar suas criaturas pecadoras consigo mesmo é ao mesmo tempo o Deus justo cuja santidade torna impossível desconsiderar o pecado como algo sem importância. Não é a justiça divina e o amor divino que são antitéticos um ao outro, mas sim a santidade da justiça de Deus e a impureza de nossos pecados, ou, ainda mais concisamente, a piedade e a impiedade, entre as quais não há concórdia. Na cruz vemos Jesus, o Santo, sofrendo em nosso lugar, que não somos santos, vemo-lo receber o castigo que merecemos, morrendo nossa morte e assim cumprindo as exigências de Deus, isto é, suas próprias exigências de justiça; e esta é, também, e ao mesmo tempo, a suprema manifestação do amor divino. A cruz une o amor de Deus com o sofrimento de Deus para nossa justificação. É a prova de que “o próprio Deus é justo”, segundo sua santa justiça, “e justificador daquele que tem fé em Jesus”, segundo seu santo amor (Rom. 3:26). Como afirma São João: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (1 Jo. 4:10). O coração desta propiciação é a satisfação da justiça divina. Sua motivação é o amor divino. A nossa volta em arrependimento e fé é a resposta do nosso amor evocado pela graça deste Deus santo e amoroso.





# Cristo para nós no céu

por Ricardo Marin

Você já se perguntou onde Jesus está agora? Ou o que está fazendo desde a última vez que comeu com seus discípulos? A resposta a alguma dessas perguntas é importante para nossa vida cristã ou para nossa salvação?

Visto que Jesus nos ensinou a orar: “Pai nosso que estás nos céus”, e disse aos seus discípulos: “Vou para meu Pai”, isso implica que ele está no céu agora (Mt 6:9; Jo 16:10). Seus discípulos o viram subir e dois anjos lhes disseram que ele “há de vir” (Atos 1:10-11).

Você pode estar pensando: O que posso aprender sobre salvação com o que Jesus está fazendo no céu agora? Este artigo explicará por que é especialmente importante entender o que Cristo está fazendo atualmente no céu e como nossa salvação depende de sermos incluídos nessa obra.

## Três imagens

Ouvi alguns pastores pintarem um quadro de Cristo no céu após sua ascensão. Dizem que sua obra para nossa salvação está terminada na terra e que agora ele está relaxando ao lado do trono de seu Pai. Eles dão a imagem de uma cena de praia tranquila com cadeiras de praia reclinadas, um copo de limonada em uma mão e a outra estendida tocando a areia quente abaixo. Jesus está *esperando* até que seu Pai lhe diga que ele pode ir procurar sua noiva na terra.

Outros querem que acreditemos que hoje Jesus está ocupado vivendo a vida cristã em cada um de seus seguidores na terra. Eles imaginam o crente como um casaco e Jesus como o agente ativo dentro dele. A túnica não faz nada além de pendurar em seus ombros enquanto Jesus vive energeticamente sua vida perfeita novamente no crente. Diz-se que esta vida presente do Cristo

que habita em cada um de nós é a vida que nos salva. É claro que, visto que esta vida ainda não terminou, Jesus ainda tem muito *trabalho* a fazer pela nossa salvação.

Outros ainda acreditam que Jesus realizou na terra tudo o que veio fazer aqui. Dizem que a obra que nos salva foi completa e que agora ele foi para o céu para aplicar essa obra acabada nas contas daqueles que confiam nele. Para esses mestres, Jesus é como um sacerdote apresentando ofertas em um templo. Eles o descrevem como realmente intercedendo em nome de seu povo. Para eles, a palavra “intercessão” significa trabalho. Então, em vez de relaxar à mão direita de seu Pai ou viver energeticamente uma nova vida salvadora dentro dos crentes na terra, eles o vêem em *ministrando* no trono da graça no céu.

A primeira visão sugere que os livros do céu estão fechados; que na conversão, na cruz, ou antes, Deus já decidiu quem seria perdoado e salvo. A segunda visão declara que a obra que nos salva ainda não terminou; que Cristo ainda está vivendo ativamente a vida que nos salva. A terceira visão coloca nossa salvação naquilo que Cristo já realizou na terra, mas acredita que agora essa conquista deve ser aplicada individualmente na conta de cada um que o aceita como seu Salvador.

Listamos aqui essas três opiniões exageradas para fazer uma observação. Cada um tem seus pontos fortes: o primeiro enfatiza que Jesus terminou sua obra na terra; a segunda diz que Jesus ainda está trabalhando para os crentes; o terceiro aponta que, embora Jesus tenha terminado sua obra na terra, ele ainda tem algo a fazer no céu para os crentes.

Que Jesus terminou sua obra na terra é evidente porque aquele que nunca mentiu disse ao Pai: “Eu



glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer.” João 17:4.

Que Jesus está trabalhando na vida dos crentes agora na terra também é verdade. Esta obra é feita através do Espírito Santo que é dado para habitar naqueles que crêem em Jesus (Gal. 3:1; Rom. 8:9). No entanto, nem Jesus nem o Espírito Santo participam atualmente de uma obra vicária: a obra de viver e morrer em nosso lugar, Jesus já realizou na terra. A obra do Espírito dentro dos crentes não é redentora, mas restauradora. O Espírito Santo a) inspira os crentes a viver uma vida piedosa, b) capacita os crentes a viver uma vida piedosa e c) guia os crentes a viver uma vida piedosa. Jesus disse: “Se eu não for, o Consolador [Ajudador] não viria a vós.” João 16:7. Tendo sido exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, Jesus derramou seu Espírito transformador para habitar os crentes na terra (Atos 2:33; João 14:17). É assim que Jesus (através do Espírito) realmente opera nos crentes na terra.

A Bíblia ensina a terceira visão acima. Embora a obra de Cristo por nós na terra tenha sido completa, **sua obra por nós não foi completada na terra**. Jesus continua a trabalhar *por nós* no céu. Sem sua intercessão celestial ninguém será salvo. Se não entrarmos pela fé nessa obra não receberemos seus benefícios. É de vital importância que os crentes entendam o que Cristo está fazendo no céu!

Foram perdoados nossos pecados na cruz? Fomos justificados quando Jesus ressuscitou da sepultura? Todos os nossos pecados passados, presentes e futuros foram perdoados quando cremos? Fomos justificados antes da fundação do mundo? Esses sentimentos parecem elevar a integridade do que Jesus fez na terra, mas não estão em harmonia com o que a Bíblia ensina. Se a justificação é “somente pela fé”, então não é possível que tenhamos sido justificados antes da fundação do mundo. Nem fomos justificados quando Jesus ressuscitou da sepultura!

Somos justificados quando cremos no Evangelho (Rom. 4:22-24; 2 Tes. 3:2; Heb. 11:6).

Se os pecados podem ser perdoados antes de serem cometidos, então Lutero estava errado quando publicou suas 95 teses contra a venda de indulgências. O próprio Jesus ensinou os cristãos a pedir diariamente o perdão dos pecados (Mat. 6:9-12) e o apóstolo João foi claro quando escreveu aos seus concrestãos explicando como seus pecados poderiam



ser perdoados: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.” 1 João 1:9. Aqui fica óbvio que Jesus ainda tem trabalho a fazer no céu.

## Salvador do mundo

O que Jesus realizou na terra, ele realizou para toda a humanidade, mas toda a humanidade não é perdoada. Toda a humanidade não é justificada. A justificação é apenas para aqueles que colocam sua fé em Jesus (Gál 2:16). O perdão é apenas para aqueles que confessam seus pecados (1 João 1:9). Desde sua ascensão, Jesus está trabalhando no céu. Ele ouve nossas orações, intercede por nós e responde ao pedido: “Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador”. De acordo com o livro de Hebreus, este é um ministério salvador:

“Portanto, pode também **salvar** perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus” Heb. 7:25-26.

Jesus viveu, morreu e ressuscitou para que *podéssemos* ser justificados. Mas em si, a vida, morte e ressurreição de Jesus não justificam ninguém. Em vez disso, eles fornecem **a base** de nossa justificação. Jesus fez essas coisas como o Salvador **do mundo**. “Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos do todo o mundo”. 1 João 2:2 (Heb. 2:9). Sobre ele o Pai colocou os pecados de todo ser humano que vivesse. Isaías escreveu: “Todos nós andamos desgarrados como ovelhas, cada um se desviava pelo seu caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos”. Isa. 53:6. Considere quantos se desviaram. Não é isso toda a humanidade? Os pecados de todos os que se desviaram foram pagos por Cristo na cruz (Heb. 1:3). Esta é a **expição universal!** Visto que Deus quer que todos sejam salvos, Jesus “se deu a si mesmo emprego de redenção por todos”. 1 Tim. 2:4-6 (2 Ped. 3:9).



A obra que Jesus Cristo realizou por nós na terra tem valor contínuo, pois ele intercede por nós no céu. Na terra, ele recebeu o dom da salvação vivendo uma vida humana perfeita. Na terra ele fez o único sacrifício pelos pecados para sempre (Heb. 10:12). O dom de sua vida perfeita e o sacrifício de seu sangue derramado são as “dons e sacrifícios” que ele levou consigo para o céu (Heb. 8:3). As pessoas hoje são justificadas com base em sua vida perfeita vivida há 2.000 anos. Os pecados são perdoados com base em seu sangue derramado no Calvário. As boas ações dos crentes podem ser oferecidas a Deus como incenso aromático porque Jesus está continuamente limpando seus defeitos com seu sangue e preenchendo seus vazios com sua justiça.

A obra de Cristo por nós no céu não é a mesma que sua obra por nós na terra. Na terra ele operou a justiça humana perfeita em nosso favor e morreu uma morte expiatória em nosso lugar. São atos irrepetíveis. Quando na cruz ele exclamou: “Está consumado”, ele falou de sua vida perfeita e redenção completada em nosso favor. Por sua morte, ele reconciliou o mundo com Deus. Ele se manifestou de uma vez por todas na consumação dos séculos para fazer a reconciliação pelo sacrifício de si mesmo. Havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados ele se assentou para sempre à destra da Majestade nas alturas (2 Cor. 5:19; Heb. 9:26; 10:12). Sua vida santa e sacrifício no sofrimento foram obras consumadas: são as obras que nos salvam. Todos os que confiam nestas boas novas serão salvos porque sua fé entra nos lugares celestiais onde Jesus está aplicando sua plena expiação.

### **Um ministério sacerdotal celestial**

Depois que Jesus fez a oferta de sua vida e o sacrifício de sua morte na terra, ele então começou seu ministério sacerdotal no céu. Lá ele carrega carne, sangue e incenso como don, sacrifício e aroma suave para apresentar na presença de seu Pai (Heb. 7:22-8:6; 9:11-15, 24; 10:5-10; Efe. 5:2). Os sacerdotes do Antigo Testamento lidavam com carne, sangue e incenso: assim, é necessário que Cristo faça o mesmo em seu ministério antitípico. Ele primeiro teve que obter essas dons e sacrifícios na terra (Heb. 8:3). “Carne” representa sua vida perfeita. “Incenso” representa seus méritos. “Sangue” representa sua morte expiatória. Jesus tem algo a oferecer no céu! “Porque Cristo não entrou em um santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus”. Heb. 9:24.

### **O que Jesus está fazendo no céu?**

Há pelo menos três coisas que Jesus tem feito no céu desde que seu ministério sacerdotal foi inaugurado à destra de seu Pai. Ele tem estado **a)** intercedendo pela justificação (aceitação) dos pecadores; **b)** ministrar o seu sangue para remissão dos pecados; e **c)** limpar as boas obras de

seus seguidores para que sejam aceitáveis a Deus. Essas eram as mesmas atividades que os sacerdotes de Deus realizavam na terra. Mas o véu rasgado de Jerusalém atesta que seu valor terreno passou para sempre. Boas ações, más ações e aceitação pessoal são agora tratadas no céu. Visto que a justificação é somente pela fé, uma pessoa não pode ser justificada antes de nascer. Os pecados não são perdoados antes de serem cometidos, e as boas obras não agradam a Deus antes de serem feitas. Como os cultos típicos do tempo de Moisés, este ministério é sobre pessoas e seu relacionamento com Deus. “Porque todo sumo sacerdote tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados”. Heb. 5:1. Jesus tem algo para fazer no céu!

### **A importância da obra de Jesus no céu**

Sem a obra de Cristo no céu ninguém seria salvo. O que ele realizou na terra para toda a humanidade deve ser aplicado individualmente aos relatos de todos os que depositam sua fé nele. Paulo escreveu que através do sacrifício de Cristo na terra Deus “nos reconciliou consigo mesmo... e nos deu o ministério da reconciliação... De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nos rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que reconcilies com Deus... eis aqui agora o dia da salvação”. 2 Cor. 5:18-6:2. Esta passagem ensina que a menos que uma pessoa aceite a obra reconciliadora de Deus em Cristo, ela não terá lugar preparado para ela na família de Deus. Hoje esta salvação é alcançada somente pela mão da fé. Jesus disse: “Qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus”. Matt. 10:32. E em Romanos capítulo 10, Paulo amplia o pensamento de Jesus, mostrando como é que somos salvos:

“Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação... Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.” Rom. 10:9-13.

Agora é o dia da salvação. Jesus está trabalhando para efetuar nossa justificação, obter o perdão de nossos pecados e purificar nossas boas obras com seu sangue.

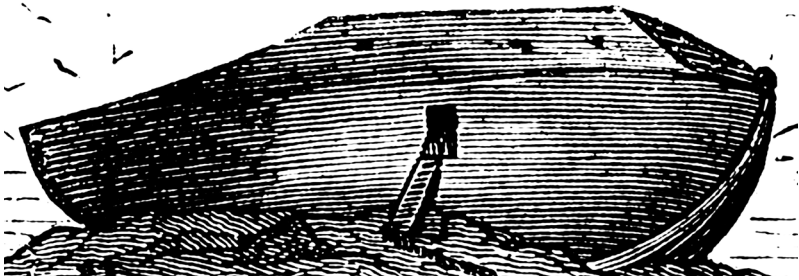
A fé é pelo ouvir o Evangelho (Rom. 10:17). “pois é Cristo quem morreu ou, antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede **por nós**”. Rom. 8:34. “Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem”. 1 Tim. 2:5.



## O ministério celestial de Cristo em duas partes

O ministério da concerto novo de Cristo no céu continuará lá por um tempo limitado. Como ele disse a Noé antes do dilúvio: “Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem”. Gên. 6:3.

Assim como a Bíblia faz uma distinção entre o perdão dos pecados e o apagamento dos pecados, entre o lugar santo e o lugar santíssimo, entre “hoje” e “ainda não”, o ministério de Cristo no céu tem duas fases. Até agora consideramos a primeira fase em que as pessoas são justificadas, perdoam suas más ações e purificam suas boas ações. A fase final também lida com as pessoas, as boas e as más ações. Somente nesta fase, o acerto de contas final ocorre e as pessoas são permanentemente seladas em Cristo, suas boas obras são limpas para sempre e suas más obras são apagadas dos registros de Deus para que Deus nunca mais os considera (veja Eze.18:24-26 onde Deus espera até o dia do julgamento para finalizar a salvação).



Jesus terminará sua intercessão celestial pouco antes de descer à terra para sua noiva selada. Sua decisão em cada caso individual será final. A pessoa que é considerada justa em Cristo permanecerá justa e aquela que é ímpia permanecerá assim (Apoc. 22:11). Como foi nos dias de Noé, assim será pouco antes da volta de Jesus. O mundo estará ocupado com a rotina da vida enquanto Deus chama todos para entrar na arca da redenção. Jesus comparou isso a um casamento (Mat. 22:1-14). O profeta Joel fez o mesmo triplo convite que foi feito na parábola de Jesus. Somente aqueles que responderem ao convite de Deus para se reunir no lugar santíssimo celestial receberão as bênçãos oferecidas ali: o apagamento de seus pecados e o selo aperfeiçoador do Espírito Santo no poder da chuva serôdia (Joel 2:21-26). Muitos inventam desculpas. Outros demoram a se encontrar por medo do ridículo. Mas logo a porta da misericórdia se fechará, para nunca mais se abrir. É por isso que é crucial responder ao convite de Deus: entrar



pela fé no lugar santíssimo celestial, onde Cristo estabelecerá seu reino e encerrará os registros celestiais (Heb. 12:26-29). É lá que a noiva de Cristo está permanentemente vestida de linho branco e fino e o Pai examina os convidados para garantir que eles estejam vestindo o manto da justiça de Cristo que foi dado a eles quando vieram pela fé.

Aqueles que não responderem ao convite para se reunir serão excluídos do povo de Deus. Seus nomes serão apagados do Livro da Vida do Cordeiro (Apoc. 3:5; 22:19) e eles serão lançados nas trevas exteriores (Mat. 22:13). Que não seja nenhum de nós!

Ninguém precisa ser jogado nas trevas exteriores. O Rei fornece o traje de casamento necessário para entrar no casamento e o julgamento que o precede. Ele diz: “Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas”. Mat. 22:4. Deus deu seu próprio Filho como resgate por todos. Ele oferece a todos o manto da perfeita justiça de Cristo se eles aceitarem o convite.

Tudo isso destaca nossa necessidade de entender o que Cristo está fazendo por nós agora no céu. Jesus diz: “Se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele”. Heb. 10:38.

As pessoas estão seladas dentro da arca da segurança de Deus e a porta está fechada. Os incrédulos não perceberão que a porta da misericórdia está fechada para sempre até que vejam Cristo vindo nas nuvens do céu (Mat. 24:37-39; Apoc. 7:1-8). Depois que a conta final é completada, ele não vem mais para lidar com o pecado, mas para salvar seus eleitos (Heb. 9:28). Quando a intercessão de Cristo terminar no céu, nenhuma porta futura de salvação se abrirá para os perdidos. Nem durante o milênio nem no final dele Cristo novamente oferece dons ou sacrifícios pelo pecado. Então o “juízo será sem misericórdia”. “Eis aqui agora o dia da salvação!”

Assim como é necessário hoje que uma pessoa clame com fé a Jesus para ser justificada e receber o perdão dos pecados passados, também no dia do juízo final é necessário que imploremos que o céu nos julgue e apague nossas transgressões (Sal. 26:1-2; 51:1; Heb. 10:19-22). Paulo nos disse para submeter nossos pecados ao juízo de antemão e Deus nos exortou a não dar desculpas, mas para entrar nas bodas pela fé na vida e morte de Cristo (1 Tim. 5:24; Mat. 22:4; Luc. 14:17-18). João escreveu que devemos seguir o Cordeiro para onde quer que vai (Apoc. 14:4).

## **Conclusão**

Após sua ascensão à destra de seu Pai, Jesus começou seu ministério sacerdotal no céu. É um trabalho para nós.

Primeiro, ele aplicou sua redenção completa em favor daqueles que viveram antes da cruz. Ao relato de todo crente verdadeiro, de Adão ao

ladrão crucificado, a justificação foi atribuída. Todos os pecados que foram confessados com fé nos animais inocentes foram perdoados com base em um sacrifício por vir. Esse perdão foi escrito no livro de Deus (Heb. 9:15). Todas as boas obras praticadas pelos santos do Antigo Testamento foram purificadas de toda contaminação pelo sangue de Cristo e aperfeiçoadas por seus méritos para que Deus se lembrasse delas como doces sacrifícios agradáveis a Ele (Fil. 4:18; Heb. 13:16).

Tendo lidado com todas as gerações anteriores, Cristo voltou sua atenção para os que vivem na terra. Como sacerdote na presença de Deus, ele oferece carne, sangue e incenso: carne para nossa aceitação na família de Deus (justificação); sangue para o perdão de nossas más ações; e incenso meritório com sangue purificador para tornar nossas boas obras aceitáveis a seu Pai: este é seu ministério diário (“contínuo”).

Esta intercessão celestial terminará com um antitípico Dia da Expição em que os casos de todos os que já reivindicaram a Cristo como seu Salvador serão examinados para ver se eles continuaram até o fim com fé em seu Substituto. “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal”. 2 Cor. 5:10. Somente aqueles que pela fé responderem ao chamado para vir às bodas serão representados por Jesus, seu Substituto. Hoje chegou a hora do juízo final de Deus! Para aqueles que seguem o Cordeiro pela fé em seu ministério celestial, a declaração será a justificação final, a segurança eterna e o apagamento de seus pecados. “Cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé”. Heb. 10:22. “Tudo já pronto; vinde às bodas”.

---

As subscrições digitais são grátis a quem solicitar pessoalmente ao <PregonerodeJusticiaLRI@gmail.com> Os números anteriores podem pedir em base a uma doação. Indique os números que precisa receber ao: Pregoeiro da Justiça PO Box 700 Fallbrook, California 92088 EE UU

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

### ***Pregoeiro da Justiça***

- \_\_\_ Vol. 1, Num. 1 O Batismo do Espírito Santo
- \_\_\_ Vol. 1, Num. 2 Justificação – Católica versus Protestante
- \_\_\_ Vol. 1, Num. 3 A Mensagem de Paulo sobre a Justificação
- \_\_\_ Vol. 1, Num. 4 Martinho Lutero fala a esta geração
- \_\_\_ Vol. 1, Num. 5 A Lei e o Evangelho
- \_\_\_ **Vol. 2, Num. 1 Cristo por nos**

### **Folhetos**

- \_\_\_ *Quatro Grandes Certezas*

## O hino de Newman

Louvido seja o bem-aventurado nas alturas,  
E na profundidade há louvor;  
Em todas as suas palavras, maravilhoso,  
Totalmente seguro em todos os seus caminhos.

Ó, amorosa sabedoria de nosso Deus!  
Quando tudo era pecado e vergonha,  
Um segundo Adão dispõe-se à luta  
E ele, o resgate nos ganha.

Ó, sábio amor! Que a carne e o sangue  
Que em Adão fracassaram,  
Enfrentaram, novamente, o inimigo  
Porém, agora, enfrentaram e o venceram.

E que um dom maior que a graça  
Eu refinaria carne e sangue,  
A presença de Deus e de si mesmo,  
e sua essência toda divina.

Ó, generoso amor! Daquele que derrotou,  
No homem e para o homem, o inimigo.  
O dobro da agonia que sobre o homem repousava,  
Em prol do homem experimentou.

E secretamente no pomar,  
E na cruz acima,  
Ele iria ensinar seus irmãos, e inspirá-los  
Sofrer e morrer.

Louvido seja o bem-aventurado nas alturas,  
E na profundidade há louvor;  
Em todas as suas palavras maravilhosas,  
Totalmente seguro em todos os seus caminhos.

John Henry Newman, 1865